

MONTSERRAT TORRENT (*1926)

Rainha dos Organistas Ibéricos: “cem anos no meio dos tubos...”



Nunca esteve propriamente nos meus horizontes abordar a vida e acção da organista catalã Montserrat Torrent, mesmo tendo-me debruçado sobre algumas mulheres organistas, mas também compositoras. O anúncio da sua participação no Ciclo de Órgão a realizar em Ponte de Lima, com um concerto agendado para 5 de Julho, não deixou de provocar em mim um sentimento de espanto, de surpresa, de dúvida até, pois se trataria de alguém cuja idade não garantiria, imaginava eu, a capacidade de tocar em público. Uma breve e fácil pesquisa resultou na constatação surpreendente de ela estar ainda em plena actividade apesar de ter, há precisamente um mês, completado cem anos de vida. De facto, Montserrat Torrent integra o meu imaginário que envolve a música para órgão desde que, bastante jovem ainda, tive oportunidade de escutar na rádio a sua interpretação da *Fantasia Concertante para Órgão e Orquestra de Câmara* de Frederico de Freitas, compositor que tivera oportunidade de conhecer alguns anos antes, e falecido havia pouco tempo. Presumo que essa gravação diria respeito à inauguração do Órgão do Auditório da Fundação Gulbenkian de Lisboa, para a qual foi encomendada por essa instituição cultural sediada em Portugal. Tive então oportunidade de acompanhar a audição pela respectiva partitura, numa cópia manuscrita, mas não a autógrafa.¹

¹ Logo após a morte de Frederico de Freitas, a sua viúva Consuelo Cabrera Barona de Freitas, solicitou ao Cón. Manuel Faria a tarefa de concluir o Bailado “*Farsa de Inês Pereira*”, deixado inacabado pelo compositor. Como apoio nessa tarefa, confiou ao músico bracarense, grande amigo de F. Freitas, e com quem então eu estudava e trabalhava, uma série de partituras do compositor, nomeadamente: *Sinfonia “Os Jerónimos”* e *Bailado da Menina Tonta*, manuscritas a caneta, e com indicações para interpretação, certamente para a criação pelo próprio autor; o *Concerto para Flauta e Orquestra*, ainda com escrita a

1. Dados biográficos

Montserrat Torrent i Serra nasceu em Barcelona, no dia 14 de Abril de 1926, a sexta de sete filhos, de um médico e de uma pianista, mas seis anos mais nova que o anterior, onde encontrou um ambiente familiar musical já estruturado, onde facilmente revelou especiais capacidades que de imediato a sua mãe conseguiu intuir.² Tendo começado os estudos de Piano aos cinco anos de idade com a mãe, Ángela Serra, antiga aluna de Enrique Granados, logo se matriculou na Academia Marshall em Barcelona e aos sete anos dava o primeiro recital na Rádio Barcelona. Enquanto preparava um concerto com a orquestra, rebentou a Guerra Civil Espanhola, o que transtornou consideravelmente a vida da sua família, tendo de interromper os estudos e a carreira.³ Após a guerra, a família regressou a Barcelona onde pôde prosseguir os estudos que culminaram na obtenção do Diploma Superior de Piano sob a orientação de Blai Net e Carlos Pellicer. Foi então que, num período de férias passado na localidade de Santa Coloma de Farners, Girona, uma visita à igreja e ao Órgão fez com que aquela a quem nunca passara pela cabeça vir a tocar tal instrumento se apaixonou por ele de tal modo que haveria de definir uma excepcional carreira. De início era a vontade de colaborar, acompanhando o Coro Paroquial, que a motivou para a prática organística, mas logo se deparou com a oposição do organista local, que não admitia pianistas como acompanhadores ao órgão. Porém, a escuta de obras de J. S. Bach, nesse mesmo Órgão, pelas mãos de Don Jubany, mais tarde Bispo de Barcelona, marcou-a de tal modo que decidiu inscrever-se no Conservatório Municipal de Barcelona, iniciando os estudos com o Maestro Paul Franch, tendo logo sido galardoada com o prémio de honra e o prémio extraordinário do Município de Barcelona. Encontrara um instrumento que a enchia de paz e a fazia

lápiz e precisamente a *Fantasia Concertante*, numa escrita limpa e policopiada no sistema *heliográfico*, muito em uso na época. Foi por isso que tive então a oportunidade e o privilégio de manusear todas essas partituras e lê-las ao escutar as obras na rádio.

² A base deste apontamento assenta no texto do organista ROBERTO FRESCO, da Asociación de Amigos del Órgano, de Palencia, em <https://www.aopalencia.org/profesores/montserrat-torrent/> Existe uma biografia da organista, em língua catalã, escrita por ALBERT TORRENS, *Montserrat Torrent - La dama del órgano*. Ed. Ficta, 2021, mais tarde editada em catelhano. Consultei ainda alguns depoimentos da organista, disponíveis *on line*, em colóquios e entrevistas, nomeadamente “Montserrat Torrent cumple 95 sin dejar el órgano: “Me han convertido en un mito” publicada em castelhano no *Jornal La Vanguardia*, <https://www.lavanguardia.com/cultura/20210416/6884146/montserrat-torrent-organista-felip-neri-aniversario-concierto.html>, depois traduzida para língua italiana e publicada em “*Organi e Organisti*”, <https://www.organieorganisti.it/montserrat-torrent-serra>, e ainda *Das Leben der Montserrat Torrent Serra - Die Königin der Orgel (A vida de Montserrat Torrent Serra, a Rainha do Órgão)* in https://www.youtube.com/watch?v=RVTDjikASE_ uma entrevista ao seu antigo aluno Giovanni Solinas.

³ “Tinha acabado de concluir o meu recital final quando a Guerra Civil começou. Esta teve um impacto na minha vida, pois tudo o que era normal chegou ao fim. Não havia concertos nem eventos especiais. Basicamente, toquei piano em casa durante toda a guerra, para praticar, a fim de que um dia pudesse recomeçar a minha carreira” (“An Interview with Montserrat Torrent, Queen of Iberian organ music” in *The Diapason*, 2026, em <https://www.thediapason.com/content/interview-montserrat-torrent-queen-iberian-organ-music>.

esquecer-se de si própria. Sempre misterioso, fascinante e distante, entre auditórios e igrejas, o Órgão, tornou-se um instrumento adequado à sua vontade, devoção e esforço, tendo mudado completamente a sua vida; descobrira um ideal para o qual não se poupou a esforços. Não foi sem dificuldades que se lançou no estudo do Órgão já que este era considerado um instrumento eminentemente masculino “porque até se toca com os pés... Mas, perguntava ela: “E as bailarinas que trabalham com os pés não são mulheres?...”

Aquando do seu primeiro Concerto de Órgão, alguém profetizou que tinha ocorrido uma mudança na forma de abordagem do Órgão e novas perspectivas se abriam para uma literatura bastante desgastada devido a interpretações distorcidas. Mais tarde, dotada de uma bolsa do Instituto Francês, continuou a sua formação em Paris com Noëlie Pierront e, com uma bolsa da Fundação Juan March, prosseguiu os seus estudos na Accademia Chigiana de Siena sob orientação de Fernando Germani e Helmut Rilling. Voltando-se agora especialmente para a música organística ibérica, procurou trabalhar com Macário Santiago Kastner, mestre a quem devemos o estudo e divulgação da música de tecla portuguesa dos séc. XVII e XVIII, tendo estudado com ele quer em Lisboa quer em Madrid, e ainda na cidade italiana de Bolonha com Luigi Ferdinando Tagliavini. Acabaria por, mediante concurso, ser nomeada professora de Órgão no Conservatório Municipal de Música de Barcelona, onde desenvolveu intensa actividade pedagógica de 1958 a 1991,⁴ ano a partir do qual passou a ser titulada como Professora Emérita. Paralelamente à sua actividade pedagógica, desenvolveu uma carreira de concertista que ainda mantém, uma carreira que conta quase setenta anos. Voltada especialmente para o repertório da música antiga espanhola,⁵ tendo participado em algumas antologias discográficas de referência, leccionou regularmente em cursos internacionais, além de inúmeras *masterclasses* na Catalunha, Ilhas Baleares, Castela e Leão, Madrid, Andaluzia, Andorra, França, Itália, Suíça, Alemanha, Suécia, Reino Unido, Holanda, Estados Unidos. Foi convidada a ir à Rússia e recebeu alguns estudantes de pós-graduação da América do Norte, América Central, América do Sul, Europa Ocidental, Polónia, Rússia e outros países da Europa de Leste, Japão, Coreia, etc. Tem integrado júris de Concursos de Órgão de Nuremberga, Chartres, Lausanne, Lübeck, Battipaglia, Bolton, Ávila. Como solista, fez

⁴ Não pensara para nada em ser professora de Órgão. Porém, o então Director do Conservatório de Barcelona, Joaquín Zamacoís, cujo nome soa familiar a qualquer estudante de música, juntamente com os seus familiares, acabaram por a convencer a assumir a actividade docente: “Resolvi então partilhar com os meus alunos a alegria que sinto através da música; e isto tem acontecido até que possa cantar o *Nunc dimittis*”. As referências ao pensamento, à doutrina, à liturgia católica são uma constante na organista catalã que diz encontrar em qualquer catedral gótica a transcendência divina, o Deus do Novo Testamento, ao passo que, na igreja barcelonense da Sagrada Família, Antoni Gaudí lhe faz evocar mais o Deus do Antigo Testamento.

⁵ É a intérprete de *Música Orgánica Española s. XVI y XVII*, vol. 3 da série “Monumentos Históricos de la Música Española (1990) e *Música Catalana-II*, vol. 8, da série “El Órgano Histórico Español” (1992). Possui uma extensa discografia, muita da qual ainda disponível nas plataformas digitais nomeadamente nas que se dedicam às raridades.

digressões por toda Espanha, Europa, Estados Unidos da América, Canadá, México, Argentina, Uruguai e Norte de África. Durante anos, esteve assiduamente associado à Orquestra Nacional de Espanha, à Cidade de Barcelona e à Orquestra Nacional da Catalunha, entre outras.⁶ Projectou e acompanhou a construção do Órgão destinado ao Oratório São Filipe Neri, em Barcelona a sua verdadeira menina dos olhos e o mais sublime legado que assumiu deixar da sua vida e acção, oficialmente inaugurado a 8 de Maio de 2026, tendo sido baptizado com o nome de “Órgão Montserrat Torrent”.⁷

Montserrat Torrent escreveu artigos sobre pedagogia, em revistas musicais, espanholas e inglesas, tendo realizado numerosos trabalhos de investigação com a musicóloga María Ester Sala na recuperação de partituras inéditas; no entanto, declinou um projecto que lhe foi proposto de escrever um livro sobre a sua técnica organística. Gravou uma extensa discografia, em diversos órgãos históricos, tendo recebido o Grand Prix du Disque da Academia Charles Cross, pelo seu disco dedicado à obra de Juan Cabanilles, gravado no órgão Daroca. Foi galardoada com a Cruz de Sant Jordi (1995), Prémio Nacional de Música da Generalitat da Catalunha (1996), Medalha de Mérito Artístico das Belas Artes pelo Ministério da Cultura e com a Medalha de Ouro ao Mérito Artístico. Medalha do Real Conservatório de Madrid (2001) Medalha Francesc Macià, pela constância e dedicação na sua atividade profissional. É membro da Real Academia de Belas Artes de Granada. Depois de, por causa de vários infortúnios da vida, ir perdendo o ouvido, passou a estudar “em silêncio”, com o órgão desligado, mas consegue continuar a tocar

⁶ A sua ligação a Portugal não se limita aos estudos realizados com Santiago Kastner; foi a criadora da *Fantasia Concertante para Órgão e Orquestra* de Frederico de Freitas (1969) e a sua presença prolonga-se na acção pedagógica exercida sobre alguns dos organistas portugueses das novas gerações que com ela trabalharam em Barcelona como António Duarte, concertista, outrora organista titular de São Luís dos Franceses em Lisboa e depois professor de Órgão na Escola de Música do Conservatório Nacional e Organista Titular da Sé Patriarcal; Rui Paiva que com ela trabalhou em Barcelona antes de se diplomar em Saragoça sob orientação de Jose Luís Gonzalez Uriol, o qual desenvolve actividade como organista e cravista, é Director da Academia de Santa Cecília em Lisboa e professor de Órgão no Conservatório Nacional de Lisboa; com ela frequentaram *masterclasses* António Esteireiro, concertista e professor de acompanhamento e improvisação no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola Superior de Música de Lisboa e ainda Ricardo Toste, organista açoriano, professor de Formação Musical e Órgão no Conservatório de Música da Bairrada e no Conservatório de Música de Águeda, e organista da Sé de Aveiro.

⁷ Este órgão tem uma história bastante conturbada: projetado com características barrocas, em 1967, por Montserrat Torrent, foi desenhado pelos organeiros G. Blancafort e Georges Lhôte, sob a supervisão da organista. A construção foi interrompida durante décadas por falta de financiamento, até ser retomado mais de cinquenta anos depois, com supervisão dos organistas Juan de la Rubia, Bernat Bailbé, e Montserrat Torrent. A primeira fase de construção foi inaugurada a 3 de Dezembro de 2021 e, cinquenta e nove anos depois, a 18 de Maio de 2026, foi oficialmente inaugurado o instrumento completo num concerto que contou com Montserrat Torrent juntamente com os organistas Bernat Bailbé, Guido Iotti, Juan de la Rubia, Ignacio Ribas, Saskia Roures y Joan Seguí, num repertório que ia do barroco ao romantismo francês, com obras como *Concerto BWV 596* de Johann Sebastian Bach, *Com un Torrent de llum* de Ignacio Ribas, obra em estreia, dedicada à homenageada, e a *Sexta Sinfonia* de Charles-Marie Widor. Iniciado por Montserrat Torrent com *Tiento y discurso de segundo tono* de Francisco Correa de Arauxo, este concerto foi encerrado com Montserrat Torrent, tocando a *Battaglia* de Johann Caspar Kerll.

porque, diz ela, “vivi de tal modo a música que toco que a consigo escutar dentro de mim”.



2. A sua actividade como Organista e pedagoga

A disciplina constitui uma das qualidades que ainda hoje adornam Montserrat Torrent e possivelmente o segredo da sua longevidade, para além do facto de a música ter fortemente contribuído, segundo o seu próprio depoimento, para a cura de um cancro que a afectou nos primeiros anos da sua carreira, facto que lhe revigorou a força e vontade de viver, de modo a permanecer uma organista em actividade com a propecta idade de cem anos recentemente completados. Foi essa disciplina que injetou também nas veias e que, para além de a ter salvo dos seus padecimentos, a estimulou a “construir sobre a rocha”, para usarmos as palavras do Evangelho: disciplina nos hábitos, mas também no conteúdo do seu estudo: texto, dedilhação, ornamentação, gravação... a quase obsessão por conhecer ao máximo cada pormenor do repertório estudado. A sua interpretação assenta noutra base muito simples: “tocar é como falar; ter em conta a respiração entre cada frase, a articulação de cada palavra...” A sua técnica organística assenta principalmente nesta ideia: “A técnica pianística baseia-se na utilização do movimento dos dedos, com foco especial na articulação e independência dos dedos como base do estudo, movimento de pulsos e ombros em ordem a precisar o som, em combinação com os três pedais accionados pelos pés. No entanto, no Órgão, são os dedos os únicos elementos a ser considerados; muitas pessoas com experiência em Piano nunca dominaram verdadeiramente a técnica do Órgão, porque ainda tentam usar gestos de pulsos, braços e ombros. Ora o único elemento que provoca o som é o dedo na tecla; usar outros gestos é movimento desnecessário e energias desperdiçadas”.⁸ E continua: “Se estudar a música de Bach, deve ter em conta as dedilhações e a pedaleira usadas pelos organistas barrocos, que por sua vez se aplicam à música dos compositores barrocos. Por exemplo: uma escala pode ser dedilhada com 1-2-3-4 + 1-2-3-4 e tocada

⁸ MONTSERRAT TORRENT em “An Interview with Montserrat Torrent, Queen of Iberian organ music” in *The Diapason*, 2026,

dessa forma, produzindo um efeito diferente comparada com a dedilhação convencional moderna como 1-2-3 +1-2-3-4-5.⁹ Para tocar música clássica, deve aplicar-se a técnica clássica; para as obras românticas uma dedilhação romântica apropriada e a técnica de pedal. Assim, a música adquire novas subtilezas que estilisticamente levam ao resultado final. E, citando o grande organista, compositor e pedagogo que foi Tomás de Santa Maria, autor de *El arte de tañer fantasia*, diz: “o bom executante [tañedor = tangedor] acrescenta muitos quilates à música; aquele que apenas a arranha causa-lhe um grande dano”.

3. Conclusão

“Quando toco, rejuvenesço e esqueço a idade que tenho”. É assim que Montserrat Torrent encara a vida e a sua arte, à qual deve, em sua opinião, ter vivido tanto tempo. “Quando toquei o primeiro Coral de Bach, encontrei como que a plenitude da minha existência, e, um tanto egoisticamente, disse para mim: ‘Isto é uma coisa minha, não quero mais saber de exibições pianísticas; a partir de agora vou fechar-me numa igreja, tocar e ser feliz’”. Olhando um pouco para a sua longa carreira resume: “Vivi com entusiasmo por pensar que tinha encontrado algo de positivo que dava plenitude à minha vida. Procurei dar a conhecer a música ibérica que era desconhecida; e vocês procurem fazer, em cada dia, algo que dê sentido à própria existência, pois vale a pena viver a vida plenamente. Ireis sofrer. É inevitável, mas segui em frente, procurai ser úteis aos outros e desfrutai de tudo o que há de bom na vida, que é muito. O pecado de omissão é muito mais grave do que o da acção!” Com elevado sentido de humor que aliás a caracteriza desde sempre, projecta já a sua carreira para a eternidade, ao afirmar que “quando chegar lá acima, o primeiro diante de quem me vou ajoelhar será Johann Sebastian Bach e eventualmente tocar um ou dois Corais...” Imagino eu que, no contexto, e perante um Jesus um tanto surpreendido, um destes será o Coral “*Liebster Jesu, wir sind hier*” (“Amado Jesus, nós estamos aqui...”), já que o Kantor reservara para si o Coral “*Vor deinen Thron tret ich hiermit*” (“Por este meio me apresento diante do teu Trono, ó Deus, e humildemente te peço que não desvies de mim, pobre pecador, a tua face misericordiosa”).

Meadela, 19 de Maio de 2026

Jorge Alves Barbosa

⁹ Ambas as técnicas se baseiam na chamada “passagem do polegar; ora, na música antiga e barroca também é bastante corrente e eficaz a passagem do dedo 2 por cima dos dedos 4 ou 5, em vez de utilizar a passagem do polegar. Basta tocar as *Invenções a 3 vozes* de J. S. Bach ou as *Partitas e Variações sobre o Coral* para Manuais para experimentar isso.